



II ASSEMBLEIA GERAL DE CLAI
Indaiatuba, São Paulo, Brasil
28 de Outubro a 2 de Novembro, 1988



Caderno Motivador

II Assembléia Geral do CLAI



Indaiatuba, São Paulo, Brasil
28 de Outubro a 2 de Novembro, 1988

Igreja: A caminho de uma esperança solidária

Produzido pelo
Conselho Latino-Americano de Igrejas sob a responsabilidade da
Secretaria de Promoção e Comunicações
Casilla 85-22
Quito - EQUADOR

Colaboradores:
Edin Abumanssur
Eliane da Silva Ramalho
Friedrich Gehring
Gerson de Azevedo Meyer
Juan Damián
Paulo de Goés
Sérgio Marcus Pinto Lopes

Produção Gráfica:
Laan Mendes de Barros

Arte e Diagramação:
Cláudia Moraes

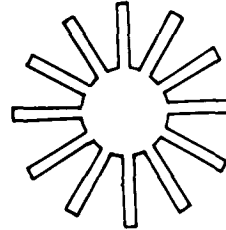
Revisão de Composição:
Fernando Cezar
Lucienne Guedes de Oliveira

Capa:
Alejandro Rodríguez Juele (Uruguai)
(2º lugar no concurso para o cartaz de promoção da II Assembléia do CLAI)

Contra-capas:
Roberto Almanara de Freitas (São Paulo, Brasil)
(1º lugar no concurso para o logotipo da II Assembléia do CLAI)

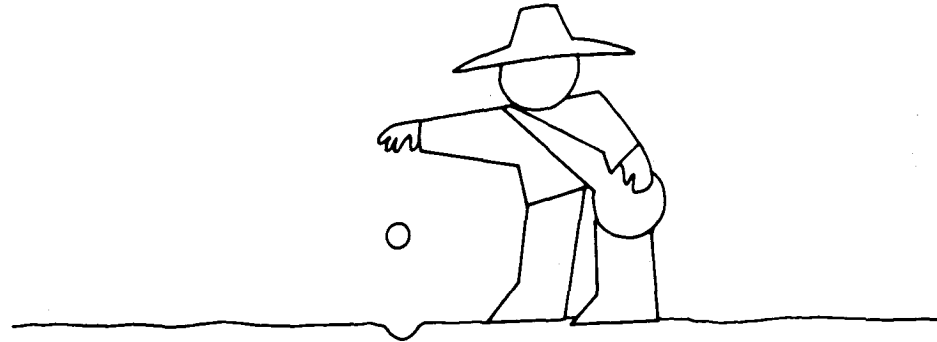
Composição e Impressão da Edição em Português:
IMPENSA METODISTA
Caixa Postal 536
São Bernardo do Campo - SP - 09701

Distribuição no Brasil:
Secretaria Regional do CLAI
Caixa Postal 55.202
São Paulo - SP - 04799
Telefone: (011) 523-9622



Caderno Motivador

II Assembléia Geral do CLAI



Indaiatuba, São Paulo, Brasil
28 de Outubro a 2 de Novembro, 1988

Igreja: A caminho de uma esperança solidária



P'ra Começo de Conversa

Sua Igreja é membro do CLAI? Provavelmente sim. Mais de cem Igrejas e grupos de cristãos em todo o continente fazem parte do Conselho Latino-Americano de Igrejas. O CLAI, constituído em 1982, tem procurado tornar evidente a unidade do povo de Deus em nossos países, como expressão local da Igreja Universal de Cristo e como sinal e contribuição à unidade do povo latino-americano. Sua atuação estimula as Igrejas à evangelização e promove a reflexão e o diálogo em torno da missão e do testemunho cristão.

As Igrejas e Movimentos que compõem o CLAI são aqueles que reconhecem a Jesus Cristo como Senhor e Salvador, de acordo com as Sagradas Escrituras e que, em unidade, procuram cumprir com sua vocação e missão comuns para a glória de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Periodicamente o Conselho realiza sua Assembléia Geral para avaliar o seu trabalho, eleger seus oficiais e definir as diretrizes para os anos seguintes. A próxima Assembléia será realizada em Indaiatuba, São Paulo, Brasil, em 1988 (28 de outubro a 2 de novembro). Para servir de quadro de referências à Assembléia, o CLAI escolheu o seguinte tema geral:

Igreja: a caminho de uma esperança solidária

Este tema será estudado em cinco subtemas:

- ... na missão evangelizadora.
- ... no compartilhar com o povo.
- ... na comunidade de fé e no encontro fraternal.
- ... no sofrimento que vem do compromisso.
- ... no testemunho e serviço onde se vive.

Quando o CLAI começou a planejar a Assembléia, chegou a uma conclusão: não poderia deixar de envolver, se possível, a todas as igrejas e comunidades locais das Denominações que fazem parte dele. Era preciso que o **maior número possível** de membros das Igrejas e de grupos manifestassem sua opinião.

Este caderno foi preparado para motivar as igrejas e comunidades a meditar sobre o tema e subtemas da II Assembléia e a expressar de alguma forma a sua opinião. Que pensam as Igrejas e comunidades acerca da esperança solidária? Como expressar esta esperança?

Estude este caderno com outras pessoas de sua igreja local ou comunidade. Tentem, juntas, fazer uma reflexão e responder às perguntas que são feitas. Depois, ainda juntas, procurem expressar as suas idéias e compreensões, contribuindo assim para preparar a todos os delegados ou delegadas que representarão as Igrejas na Assembléia.

... Subtema 1

Igreja: A caminho de uma esperança solidária na Missão Evangelizadora



Reflexão Bíblica

Filipenses 2.7-12 (Também Lucas 4.16-21)

"... antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai".

Deus teve vontade de ser humano, como nós. Estaria aborrecido? Foi um gesto demagógico? Teria sido o máximo de solidariedade?

Desde então, homens e mulheres na Igreja tiveram a esperança de ser como ele. Mas como? Para que?

Nós, cristãos, não temos outra maneira de viver Deus, de sentir o homem ou mulher, senão a maneira de Cristo. "Aquele que me vê a mim vê o Pai."

Um teste de nossa evangelização é a paráfrase do velho ditado: "Diz-me qual a imagem que transmites e te direi que tipo de evangelista tu és".

E Lucas, com o maior prazer, nos apresenta o evangelizador (**Lucas 4.16-21**). Leiam-no vocês. Vamos todos lê-lo com o coração aberto, a mente despertada, as mãos disponíveis. Este texto nos faz pensar nos três rostos de Cristo, que a História pode encher de musgo e de poeira até que não os vejamos. Ou simplesmente arquivá-los, tornando a Bíblia um grande museu.

Um Deus Justo – É trágica a cirurgia estética que se tem feito deste rosto: sua desfiguração. É mais barato crer que Deus é justo para com cada um, pois é um assunto privado, individual. Mas a justiça bíblica não é um assunto que se resolve na consciência, mas na história do povo e nas relações humanas. Deus é justo não porque julga, mas porque salva. Não é imparcial, neutro. Sua ação fundamental é a de endireitar uma árvore que se entortou, corrigir um mundo que quase desde o princípio voltou-se para um lado. A balança desajustada já enganava, e Deus tomou partido. E teve que lutar, e sonhar, e ensinar uma nova convivência. E teve que fazer sentir seu peso em um dos lados, e a sua violência de justiça.



Esta é a mais divina surpresa do testemunho bíblico e do anúncio evangelizador.

Como o rosto (e o corpo) de Cristo, será preciso estar de um lado, talvez não o mais cômodo. Mas aí está o segredo do poder libertador do evangelho: a esperança solidária é possível.

Um Deus Livre – Há gente que pensa que o medo foi quem inventou a religião, que sob sua ameaça convoca e reúne as pessoas. Pode ser. No entanto, Cristo o quis desterrar. Desde Belém até o Calvário viveu desamparado, indefeso, frente ao poderoso romano e judeu, atacando as traves de medo de seu povo e abrindo ao máximo as torneiras de sua liberdade. O Ressuscitado é a mais apaixonada convicção dos cristãos de que nada há mais forte que a liberdade que vem na esperança solidária.

Isto nos faz pensar em nossas Igrejas. Como trabalham o medo?

Será um ingrediente grosseiro, sutil, já desterrado de nossa evangelização? Se não for, nossa missão não só poderá ser falsa mas também atéia.

Um Deus Frágil – Somos tentados a adoçar e a decorar o Evangelho. E trocar Belém, Nazaré e o Calvário por casas de pedra e cruces de ouro. O problema é o poder. Custa-nos ficar sem ele. No entanto este é o preço da evangelização. O custo de deixarmos que Cristo se revele.

Um Deus frágil não significa um Deus sem poder, mas simplesmente que ele rechaçou este caminho dos seres humanos, como privilégio injusto, recurso de segurança, esmagamento dos fracos. Cristo, Deus, testemunha o poder dos pobres: poder amar, poder lutar, poder ser solidário, na confiança em Deus, que só caminha na estrada da esperança.



Um fato de vida

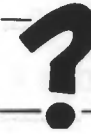
Há alguns anos, no Uruguai, um pastor e um sacerdote decidiram-se a fazer um jejum para reclamar reconciliação, paz, justiça, liberdade para seu povo.

Alguns cristãos, movidos pelo medo, pretenderam dissuadí-los:

– Não é o momento, nem a ocasião, não há condições. É desproporcional frente ao poder que ameaça. Não deixarão isso. Acabarão com vocês!

Frágeis, não contavam com o amparo de qualquer partido político. Uns dias antes tinham-se preocupado em aclarar que o faziam em nome de Cristo, e que sua força estava nele. Claro que sabiam do alento, do respaldo, da companhia solidária de muitos outros cristãos.

E puderam fazê-lo e saíram ilesos. Produziu-se no país um novo alento e entusiasmo. O povo ficou pensando naquilo que parecia inimaginável. Muitos se questionaram. Muitos se surpreenderam. Muitos se comoveram. Tudo porque dois cristãos haviam embarcado na esperança solidária.



Questões que fazem pensar



1. Que imagem de Cristo receberão os outros através do contágio de nossas palavras, de nossos gestos?
2. Acaso sentimos que em nossa debilidade está a força de Cristo?
3. O ar que respiramos está cheio de medo ou de esperança solidária?



Subsídios Litúrgicos

Falamos com as mãos em nossa vida. Quando a força da palavra não basta. Quando consolamos, amamos ou estamos felizes. Mas nós, os humanos, estamos sempre tentados a cruzar os braços e esconder as mãos, ou usá-las para golpear, esmagar, espremer, oprimir. É por isso que as pessoas reclamam sempre a esperança solidária... “Dá-me uma mão”.

O Deus-conosco, solidário e companheiro, nos surpreendeu. E esta é a Boa, a Melhor Notícia. Ele nos deu suas duas mãos para nos levantar. E isto é salvação.

Vamos ficar olhando nossas mãos por alguns instantes. São débeis? São livres? São justas? Para que podem servir?

Agora vamos nos dar as mãos e formar uma roda, de esperança solidária. Não poderão ser as minhas mãos, estas mãos, as de Cristo? Todas estas, não serão as suas mãos?

Oração:

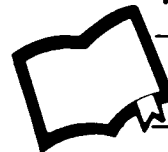
Cada um dos irmãos e irmãs pedirá ao Senhor agora por aquilo que sente, está convencido ou deseja como evangelizador, hoje e aqui.

A cada invocação a comunidade respalda ao irmão ou irmã com sua mão e sua oração, dizendo todos: “Fortalece, Senhor, nossa esperança solidária”.

Concluir como um tecido, um cacho ou uma trança de mãos.

... Subtema 2

A caminho de uma esperança solidária, no compartilhar com o povo



Reflexão Bíblica

Atos dos Apóstolos 2.44-47

“Todos os que creram continuavam juntos e unidos, e repartiam uns com os outros o que tinham. Vendiam as suas propriedades e outras coisas e repartiam o dinheiro com todos, de acordo com a necessidade de cada um. Todos os dias, unidos, se reuniam no templo, e nas casas partiam o pão e comiam com alegria e humildade. Louvavam a Deus por tudo e eram estimados por todos”.

Isso aconteceu em Jerusalém há quase dois mil anos. O que está acontecendo hoje em nossa América Latina?

Diz uma irmã de uma Igreja no norte do Brasil: “Nossa comunidade é uma experiência dos pobres – mas a gente partilha tudo: a vida, a luta, a dor, as vitórias. Eu comparo a (nossa) comunidade com o Cristo e a sua comunidade, com aquele pessoal lá do evangelho, onde se mostra a multiplicação dos pães. O Cristo podia multiplicar, mas nós também repartimos o pouco que temos, com muita alegria e sem nenhum pretexto.

Apesar de pobre, a gente vive com muita alegria. É uma vida muito pobre, mas muito alegre e feliz, de gente muito unida”.

Pessoas com muitos recursos fazem caridade, mas os pobres partilham mesmo o pouco que têm.



Um fato da vida

Em uma época de crise econômica bastante séria e de muita fome, na vila Helena, uma zona de periferia da cidade de São Paulo, uma comunidade local encontrou uma solução para suprir as necessidades alimentares básicas dos desempregados.

Foi o programa **Cinco por dois**, uma iniciativa pela qual cinco famílias empregadas “adotaram” duas famílias cujos pais estavam desempregados, fornecendo-lhes uma quota mensal de alimentos. O **Cinco por dois** foi criado depois que uma paróquia local passou a ser procurada por famílias necessitadas. Baseados na passagem bíblica da multiplicação dos pães a experiência de “adoção” de famílias foi iniciada. A comunidade passou então a trabalhar em duas linhas: uma, de conscientização política, já que o desemprego é fruto de um sistema socio-econômico-político. A outra foi a de gestos concretos de solidariedade. Resultado: o programa envolveu 500 pessoas, num total de cem famílias. Disse um participante ativo do programa: “No **Cinco por Dois** ninguém é bonzinho por ajudar, e ninguém é mendigo por ser ajudado”.

“Não podemos compartilhar o que **temos**,
sem partilhar o que **somos**”

Por que temos que pensar sempre em dinheiro e coisas materiais quando falamos em compartilhar? Será que os pobres da América Latina e do resto do mundo já não estão compartilhando algo importante com os povos ricos? Se não temos recursos materiais, o que temos para repartir?



Falando em compartilhar, pensamos sempre em **dar** alguma coisa para uma pessoa necessitada, quase nunca no que esta pessoa poderia nos dar. Ainda mais, sempre se pensa em algo a ser feito (ações específicas) para ajudar em um momento difícil.

Não pensamos que conversar, ouvir, tratar de compreender e de lutar pelos pobres e ignorados sejam aspectos significativos do nosso compartilhar.

Um sorriso, uma palavra de conforto, uma oração, um aperto de mão ou um abraço seriam expressões de solidariedade e maneiras de compartilhar e de mostrar que os membros do corpo de Cristo sabem se alegrar com os que se alegram e chorar com os que choram?



“Quando a gente se une na ação, na reflexão e na adoração, isso é uma fonte de enriquecimento recíproco e de inspiração para a renovação e o crescimento no compartilhar experiências e diferentes opiniões. Este compartilhar e esta solidariedade formam parte da essência da Igreja e são fundamentais para a luta pela justiça, a dignidade humana e a paz.”

Uma congregação pentecostal no Chile, rudemente afetada pelo desemprego, é visitada por uma pessoa vinda de outro país.

Ela é informada que 90% dos membros adultos da comunidade estão sem trabalho.

– Como conseguem sobreviver? – é a pergunta óbvia do visitante.

– Sobrevivemos porque aqui compartilhamos o pão aos domingos na Santa Ceia e **durante a semana** – é a resposta do pastor.

Membros de uma comunidade cristã insistem em que a Santa Ceia (comunhão = comum-união) prolongue-se durante a semana:

“O pão e o vinho que nutrem quando se celebra a comunhão na congregação local, se projetam, transformando-se em alimento e amizade para com os necessitados e em ação comprometida na luta pela justiça”. Quando celebramos a Santa Ceia recordamos a oferta que Cristo fez de si mesmo, e alegramo-nos na vida plena que ele oferece. O compartilhar flui naturalmente de nossa participação (parte-na-ação) consciente na comunhão em suas duas dimensões, e do nosso compromisso assumido com aquele que se deu por amor.

Na Santa Ceia reconhecemos a nossa dependência do Criador de todas as coisas e, ao mesmo tempo, aceitamos a responsabilidade dada a cada uma e a cada um de nós de administrar, cuidar e desfrutar de tudo o que ele nos dá. Aceitamos também a responsabilidade de compartilhar com os que nada têm. No ato de tomar o pão e o vinho, os cristãos se comprometem inevitavelmente a lutar por uma situação justa, na qual todos tenham o que comer, tenham o direito à terra para plantar, onde haja assistência médica, trabalho, educação, onde haja compreensão, carinho, e atenção. Isto é os novos céus e a nova terra, como diz a Escritura (onde o sistema econômico dentro das nações e entre as nações seja justo). É o Reino onde habita a justiça.





Questões que fazem pensar:

1. O que nos diz a Bíblia que afeta o nosso compartilhar hoje?
2. De que maneira temos compartilhado em nossas comunidades?
3. Como se repete a experiência da Igreja Primitiva em nossa situação particular?
4. Quais os textos bíblicos que nos estimulam a compartilhar com os necessitados?



Além dos textos bíblicos mencionados anteriormente, as seguintes passagens poderiam ajudar na reflexão. Pode-se procurar outras que falem às situações de cada bairro, aldeia, cidade ou região.

**Êxodo 16.16-21 – Neemias 8.1-12 – Mateus 5.43-48;
6.1-21; 7.21-23; 25.31-46 – Romanos 13.8-10
I Coríntios 10.16-17; Cap. 13 – Apocalipse 21.1-7.**



Subsídios Litúrgicos

A comunidade Filadélfia, de tradição reformada, na cidade de Campinas, São Paulo, Brasil, estava para celebrar a Ceia do Senhor, no Quarto Domingo do Advento. A fim de que todos experimentassem mais concretamente o seu significado, a comunidade decidiu fazer o seu próprio pão para a comunhão e fazer jejum, encaminhando aos necessitados o dinheiro correspondente ao custo das refeições.

O pão foi preparado no sábado, todos participando do processo. No domingo a festa da Ceia foi realizada, sendo recebidos dois homens e uma mulher como novos membros, enquanto liam textos relativos ao nascimento de Cristo. A quarta vela da coroa do Advento foi acesa, conforme o costume local. Houve batismo de um menino. A Santa Ceia recordou a solidariedade no partir do pão e no tomar do vinho. A oferta do culio foi encaminhada ao atendimento a crianças desamparadas.

O culto estava terminando, mas a celebração iria continuar num alegre jantar, para o término do jejum. Em todos estes atos, dois sinais estavam presentes naquela comunidade: a solidariedade e a esperança.

Oração:

Nosso Deus, criador e preservador de todas as coisas para a felicidade de toda a humanidade, nós te damos graças porque podemos comer os frutos da terra, usufruindo da natureza rica tudo o que, reconhecemos, deve ser repartido com todos os seres que criaste.

Senhor, que diariamente ao comermos o pão, possamos fazê-lo com os olhos postos naqueles que não têm o que comer, ou o suficiente para uma vida física, moral e espiritual equilibrada e digna.

Especialmente quando comemos e bebemos os elementos eucarísticos, que o façamos com o compromisso de lutar para que os homens, mulheres e crianças em todos os lugares do mundo, tenham a esperança de que o “pão de cada dia” não lhes faltará. Que os milhões que olham para nós, cristãos e cristãs, não fiquem desiludidos, vendo-nos comer sozinhos sem qualquer escrúpulo.

Que a Mesa da Comunhão à qual nos convidas

amoravelmente, se alargue, e o convite a todas e a todos seja: “Vinde”, juntem-se a nós, “porque tudo está preparado”.

Oramos em nome d’Aquele que se deu por amor a nós pecadores, Jesus Cristo, nosso Mestre e Guia. Amém!

... Subtema 3

A caminho de uma esperança solidária, na comunidade de fé e no encontro fraternal



Reflexão Bíblica

Romanos 16.1-4; 17-20 (leia-se todo o texto)

“Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que está servindo à Igreja de Cencreia, para que a recebais no Senhor como convém aos santos, e a ajudeis em tudo que de vós vier a precisar; porque tem sido protetora de muitos, e de mim inclusive. Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida arriscaram as suas próprias cabeças; e isto lhes agradeço, não somente eu mas também todas as igrejas dos gentios... Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles, porque esses tais não servem a Cristo nosso Senhor, e, sim, a seu próprio ventre; e, com suaves palavras e lisonjas enganam os corações dos incautos. Pois a vossa obediência é conhecida por todos; por isso me alegro a vosso respeito; e quero que sejais sábios para o bem e simples para o mal. E o Deus da paz em breve esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco”.

A leitura deste texto bíblico pode parecer pouco interessante se a gente não vê o que existe por detrás de tantas saudações e recomendações da parte de Paulo aos cristãos

da cidade de Roma. Na verdade estes versículos mostram o tipo de relacionamento que o apóstolo deseja ver estabelecido dentro da Igreja.

Primeiramente Paulo está demonstrando a necessidade de a solidariedade cristã manifestar-se no reconhecimento das pessoas umas pelas outras. Por isso ele menciona os nomes de tantos crentes (que deve ter encontrado em outros lugares, já que nunca havia ido a Roma, conforme os versos em **Romanos 1.8-14**). Numa sociedade cada vez mais caracterizada pelo desconhecimento e pelo contato superficial entre as pessoas, a Igreja oferece a possibilidade de elas se encontrarem como uma grande família, possuindo nome e características próprias.

Em segundo lugar, Paulo está recomendando que as pessoas desejem e promovam o bem umas das outras (**saudar** significa desejar saúde). **A Igreja, como comunidade de fé, onde se dá o encontro fraternal, é também o lugar onde as pessoas expressam (por palavras e por atos concretos) o seu desejo de que o seu irmão ou irmã alcancem o bem estar integral.** É também ali que elas demonstram, por sua colaboração, sua solidariedade umas às outras. É bom anotar quantas das pessoas mencionadas no texto haviam demonstrado alguma forma de solidariedade para com o apóstolo (**versículos 3-4; 8-9; 12-13**).



Em terceiro lugar, ao recomendar que a Igreja rejeitasse os divisionistas (**versos 17-20**), Paulo está insistindo na necessidade de os crentes romanos se esforçarem para manter sua unidade. Numa igreja desunida os crentes não se corrigem mutuamente com brandura, não levam as cargas uns dos outros (**Gálatas 6.1-2** “solidariedade vicária”) não se suportam, nem se perdoam (**Colossenses 3.12-13**), nem se auxiliam em suas necessidades (**Romanos 15.25-26**).

É no exercício da solidariedade interna que a Igreja se capacita para ser solidária externamente, com os que sofrem ao seu redor.



Um fato da vida

Ser solidário não significa necessariamente compartilhar coisas materiais. Quando o pastor Miguel Brun foi preso pela ditadura uruguaia, encontrou no mesmo campo de concentração muitas outras pessoas, cristãos e não-cristãos.

Depois de algum tempo de convivência, que incluía momentos de oração comum, os cristãos sentiram uma grande necessidade de comemorar a Ceia do Senhor. Mas havia dois problemas. O primeiro é que não havia pão, nem vinho. O segundo é que os guardas não permitiam a realização de qualquer ajuntamento no campo. Que fazer?

Os cristãos decidiram então, à semelhança do que haviam feito outros na Europa durante a II Guerra Mundial, realizar a festa mesmo sem os elementos materiais. Um dos problemas estava resolvido. Mas e o outro?

Enquanto o pastor Brun repetia as palavras da instituição da Ceia e fazia os gestos de quem parte o pão e abençoa o

cálice – inexistentes! – um grupo de outros prisioneiros, **não-cristãos**, começou a conversar em voz alta para distrair os guardas. Com o seu barulho eles permitiram que a comunhão – sinal mais autêntico do encontro fraternal na comunidade de fé – se desenvolvesse entre os cristãos. Que surpreendente sinal de solidariedade, vinda mesmo de quem não confessava a fé em Cristo!



Questões que fazem pensar:

1. Quais são algumas das barreiras que impedem que a comunidade de fé viva a solidariedade na experiência do encontro fraternal?
2. Sua comunidade de fé possui alguma experiência de solidariedade na qual as barreiras denominacionais tenham sido vencidas? Qual?



Subsídios Litúrgicos

“Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas” (II Samuel 1:26)
 Esta frase nem sempre esteve em nossos lábios. Preocupações que envolvem o nosso **eu** e, quando muito, a nossa família, dificultam nosso envolvimento maior com nosso irmão ou irmã. Por isso eles choram sem que choremos com eles. Angustiam-se sem que esta angústia seja aliviada pela nossa participação. A Lítania que se segue poderá ajudar a Igreja a meditar sobre isso e a tomar uma posição no culto dominical.

Litania de Confissão e Resolução

Dirigente – Olhar para os outros, sentir com os outros, chorar com os outros, viver com e para os outros...

Todos – **Nós te prometemos, Senhor!**

Dirigente – Abrir nossas portas aos que buscam o aconchego, nossos corações aos que esperam a compreensão, nossa bolsa aos que precisam de ajuda...

Todos – **Nós te prometemos, Senhor!**

Dirigente – Ser a voz dos que foram emudecidos, os olhos dos que não podem enxergar mais longe, o braço dos que perderam o amparo, as pernas dos que não podem se locomover, o ouvido dos que não podem escutar...

Todos – **Nós te prometemos, Senhor!**

Dirigente – Ser companhia para os que vivem na solidão, esperança para os que lutam em desespero, amor para os que estão sendo odiados, perdão para os que são intolerantemente condenados...

Todos – **Nós te prometemos, Senhor!**

Dirigente - Confiar em Deus quando o apoio humano nos faltar no cumprimento da tarefa solidária...

Todos. – **Nós te prometemos, Senhor!**

Dirigente – Ouvir a Lei do Senhor, que diz: “Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos em alguma de tuas cidades, na terra que o Senhor teu Deus te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás as tuas mãos a teu irmão pobre” (**Deuteronômio 15.7**)...

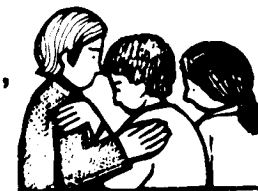
Todos – **Nós te prometemos, Senhor!**

Dirigente – Fazer do instante do culto não um paraíso artificial, constituído pelos adornos do templo e pela melodia dos cânticos, mas o lugar concreto do encontro fraternal que se prolonga nos outros dias da semana...

Todos – **Nós te prometemos, Senhor!**

... Subtema 4

A caminho de uma esperança solidária, no sofrimento que vem do compromisso



Reflexão Bíblica

Mateus 26.69-75 (Também Marcos 14.66-72 – Lucas 22.55-62 – João 18.15-18, 25-27)

“Ora, estava Pedro assentado fora no pátio; e, aproximando-se uma criada, lhe disse: Também tu estavas com Jesus, o galileu. Ele, porém, o negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes. E, saindo para o alpendre, foi ele visto por outra criada a qual disse aos que ali estavam: Este também estava com Jesus, o Nazareno. E ele negou outra vez com juramento: Não conheço tal homem. Logo depois, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia. Então começou ele a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem! E imediatamente cantou o galo. Então Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. E, saindo dali, chorou amargamente.”

O compromisso de Jesus era com o Reino de Deus, um estado de relações entre Deus e os homens e mulheres, a iniciar-se na terra e a prolongar-se pela vida eterna. Para Jesus o Reino era a submissão a um Deus de amor e justiça, que, por sua vez, permitia as mesmas relações entre as pessoas.

Este compromisso de Jesus provocou um inevitável choque com os líderes políticos e religiosos de seu tempo. Sua pregação do Reino era uma denúncia clara da falsidade reinante entre os que dominavam a sociedade judaica. Eles sabiam, no íntimo de seus corações, que não havia amor e justiça de sua parte para com o povo. Este era oprimido e empobrecido em nome da religião, sobrecarregado de mandamentos e de caros sacrifícios a cumprir, enquanto os sacerdotes, escribas e fariseus viviam uma vida confortável. Foi esta a principal razão que os levou a tramar contra Jesus.

Como consequência de seu compromisso, Jesus foi preso, zombado, agredido, torturado e finalmente crucificado. Ele é o maior exemplo bíblico de alguém que sofre por haver assumido a causa do Reino de Deus entre as pessoas.

Em um dos momentos mais graves da vida de Jesus, quando ele está sendo julgado por seus inimigos, seu companheiro mais falante só o acompanha de longe. Mateus diz que ele o seguiu à distância, assentando-se entre os servos. Por três vezes ele é identificado como um dos companheiros de Jesus e outras tantas vezes ele nega esta sua qualidade. Foge de Jesus e o deixa sofrer sozinho, sem ao menos fortalecer-lhe a coragem para aquele momento difícil. Nem Pedro nem qualquer outro dos discípulos mostrou a Jesus a **“solidariedade no sofrimento que vem do compromisso.”**



Que acontece a Jesus por causa da atitude de Pedro? Ele vê reafirmada sua previsão de que todos o abandonariam e que ele ficaria sozinho. Falta-lhe o apoio do companheirismo, que fortalece a quem está sofrendo. Que seria da causa do Reino, agora que ele seria morto, se seus discípulos fugiam e o negavam daquela maneira? Podemos imaginar as tentações que passam por seu pensamento nesta hora! Ele precisa agarrar-se às reservas de fé que possuía no Pai, para não fraquejar no momento supremo de teste, em plena solidão!

E quanto a Pedro? Ele perde a oportunidade de afirmar seu próprio compromisso. O medo é maior que sua convicção. O gesto o divide dentro de si próprio (razão porque ele chora, v. 75). Ele sabe que a ausência de solidariedade não é apenas uma disposição passiva. É um gesto ativo de traição a um companheiro em angústia e sofrimento.

A negação de Pedro é um exemplo não positivo. Mas possui uma tremenda força para nos fazer pensar em nossas próprias atitudes. Esta é uma das razões porque o evangelho a registra.



Um fato da vida

No dia 1º de agosto de 1984, os membros da Igreja Presbiteriana de Callqui, na cidade de Huanta, Deptº de Ayacucho, Peru, estavam reunidos em oração. Eram 18 horas. Subitamente o templo foi invadido por soldados da Marinha, fortemente armados, que buscavam uma mulher.

Como não a encontraram, tiraram à força seis homens de dentro da igreja e os levaram para fora. Dois militares ficaram à porta, obrigando os crentes a continuarem o culto e a cantarem hinos. Enquanto cantavam eles ouviram uma rajada de metralhadora, que pensaram ser para causar-lhes medo. Os soldados atiraram uma granada perto do templo e saíram por um momento. Pouco depois voltaram e perguntaram pelos líderes da igreja, retirando-se em seguida. Quando os crentes saíram do templo encontraram os cadáveres dos seis irmãos, a cerca de 8 metros de distância.

Um dos presbíteros de Callqui, que assinou com os outros uma carta ao Concílio Nacional Evangélico do Peru, denunciando o fato, declararia em seguida: "Por denunciar a Marinha – força que tem o controle da região de Huanta – estamos correndo um grande risco. Mas confiamos no Senhor. Não tememos a morte. Eu assinei as denúncias e cumpro os trâmites judiciais. Quase estou esperando que a qualquer hora da noite venham buscar-me. Estou pronto para morrer."

Ser solidário com os que sofrem perseguição por sua fé e por seu testemunho não é coisa fácil. O medo de se sofrer as mesmas perseguições, de se ser acusado falsamente, de que se espalhem boatos mentirosos é sempre muito forte. Mas o Concílio Nacional Evangélico do Peru não deixou que isto impedisse a sua manifestação de solidariedade. Em um comunicado do dia 23 do mesmo mês, ele declarou entre outras coisas: "Muito sangue foi já derramado... pelo terrorismo ímpio; nossos irmãos sofreram repressão, tortura e a prisão. O que aconteceu em Callqui é a consumação final da violência das forças da ordem, que já havíamos denunciado... Cremos que os direitos humanos são inerentes a todas as pessoas, acima de sua ideologia, seu uniforme ou sua religião".



Questões que fazem pensar

1. Que atitudes a Igreja tem tomado quando uma pessoa é perseguida ou presa e torturada? Ou condenada por causa de seu compromisso evangélico?
2. Que devemos fazer quando percebemos que a Igreja não está se solidarizando com os que sofrem por causa deste compromisso?
3. Você conhece exemplos de pessoas (cristãs ou não cristãs) que se solidarizaram com outras que sofriram por causa de seu compromisso com a justiça, a verdade, o bem?



Subsídios Litúrgicos

Eis aqui uma série de versículos do Novo Testamento organizados para a leitura antifonal no culto. São passagens que nos ajudam a refletir sobre o sentido de nossa participação solidária no sacrifício dos que se dão a si mesmo por causa de seu compromisso com o Reino.

Dirigente – Bem-aventurados os perseguidos por causa de justiça, porque deles é o reino dos céus. **(Mt 5.10)**

Todos – **Bem-aventurados sois quando por minha causa vos injuriarem e, mentindo, disserem todo mal contra vós. (Mt 5.11)**

Dirigente – Regozijai-vos e exultai porque é grande o vosso galardão nos céus, pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós. **(Mt 5.12)**

Todos – **Alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação de sua glória vos alegreis exultando. (I-Pe 4.13)**

Dirigente – Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus. **(I Pe 4.14)**

Todos – **Se algum de vós sofre como cristão, não se envergonhe disso, antes glorifique a Deus com esse nome. (I Pe 4.16)**

Dirigente – Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação. **(II Tm 1.7)**

Todos – **Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos a favor do evangelho, segundo o poder de Deus. (II Tm 1.8)**

Dirigente – Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus. **(II Tm 2.3)**

Todos – **Pelo qual estou sofrendo até algemas, como malfetor; contudo a palavra de Deus não está presa. (II Tm 2.9)**

... Subtema 5

A caminho de uma esperança solidária, no testemunho e no serviço onde se vive



Reflexão Bíblica
Marcos 10.42-45

“Mas Jesus, chamando-os para juntos de si, disse-lhes: Sabeis que os que são considerados governadores dos povos, têm-nos sob seu domínio, e sobre ele os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos.”

Jesus Cristo é a nossa referência para descobirmos o sentido do ato de servir. Como indicamos, seu serviço é: “proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor” (**Lucas 4.18-19**), sinais do Reino de Deus.

Nos dias de hoje, os oprimidos nos países da América Latina e Caribe, são os sem-terra, o índio, o negro, a mulher, o menor abandonado, o operário, os marginalizados da sociedade.

Outra referência para o nosso serviço é a prática dos primeiros cristãos e da Igreja Primitiva. Esta nos mostra que tanto os discípulos quanto a Igreja orientavam o seu serviço em direção ao povo, às suas necessidades e às transformações da sociedade, com a chegada do Reino de Deus. Porém, sabemos que o serviço e o testemunho de Jesus Cristo provocaram conflitos. Jesus enfrentou o poder dos grupos religiosos de sua época (os escribas, fariseus e sacerdotes), distantes da realidade do povo. Pelo fato de enfrentá-los teve como consequência a sua morte, assim como muitos discípulos que O seguiam. E, hoje, quem se orienta pela prática de Jesus no testemunho e no serviço também está sujeito a sofrer perseguições, torturas e até mesmo a morte, provocadas por grupos econômicos, regimes ditatoriais e poderes eclesiásticos não identificados com os anseios do povo.

A lista dos mártires na América Latina e no Caribe, a cada dia, é acrescida de novos nomes, que no seu testemunho e serviço lutaram por uma vida mais justa, fraterna, humana, solidária e de paz.





Um fato da vida

O Testemunho

Em El Salvador, na América Central, um grupo de cristãos das comunidades de base do Oriente, testemunha da fé que possui e denuncia as situações de injustiça em que vive: "Somos moradores de Estância (Cacaopera), Calavera e Hondable (Corinto), Morazán, de El Salvador, integrantes das comunidades eclesiais de base do Oriente. Há vários meses estamos denunciando a destruição e o terror que a Força Armada está cometendo em nossas comunidades. As violações dos direitos humanos não terminaram, pelo contrário, continuam acontecendo com maior freqüência e atrocidade."

"No dia 10 de abril, à tarde, um helicóptero da Força Armada metralhou as margens do rio Tarola, quando um grupo de crianças brincava ali. Graças a Deus e à heróica intervenção dos vizinhos, nada aconteceu às crianças. Por outro lado, **com orgulho, comunicamos que, apesar da presença próxima da Força Armada, conseguimos celebrar a Semana Santa, sem medo de sermos descobertos e massacrados. Deus esteve do nosso lado e pudemos acompanhar Jesus em sua paixão, morte e ressurreição. Acompanhar a este Jesus que hoje também morre e ressuscita em nosso povo.**

"Nós perguntamos: Por que continuam a nos castigar? Qual é o nosso delito? Vivemos aqui, porque aqui nascemos e é onde encontramos o sustento para nossa família.

"Pedimos ao Presidente Duarte, a Monsenhor Rivera y Damas, à Cruz Vermelha Internacional e a todas as instâncias nacionais e internacionais que defendam o respeito aos direitos humanos, que façam todo o possível para fazer valer os nossos direitos elementares de cidadãos salvadorenhos, diante de uma Força Armada cada dia mais repressiva, cruel e injusta."



O Serviço

Na Argentina, um grupo de cristãos da nação Toba, indígena, como resultado de sua reflexão sobre o evangelho, chegou à conclusão de que precisava servir a sua comunidade de modo a oferecer-lhe o que lhe é mais importante: a vida.

Todo o sentido da vida para o indígena está ligado à origem de sua existência, o lugar de seu nascimento e fonte de alimentos e água: a terra. A terra foi sempre o primeiro bem roubado ao indígena pelo branco.

Como expressão deste serviço, portanto, os cristãos Toba trataram de ajudar seu povo a organizar-se e contrataram um advogado para a elaboração de um Projeto de Lei a ser encaminhado ao Congresso Nacional, visando ao



reconhecimento dos direitos dos Tobas à terra em que vivem e visando à sua demarcação. O projeto foi elaborado e encaminhado. Uma primeira medição das terras foi feita, mas os indígenas sentiram-se prejudicados em seus direitos. A comunidade, bem organizada, continua pressionando para que os direitos à terra e conseqüentemente à vida da nação Toba e outros grupos étnicos sejam reconhecidos pelo Governo e pelo povo argentino.

"Numa palavra, o serviço é a valorização da vida. Por isso entendemos que, no nosso tempo, o serviço é, principalmente, o nosso apoio aos marginalizados, às organizações populares, para que elas possam vencer as barreiras que impedem a chegada do Reino."



Questões que fazem pensar:



1. Quais os textos bíblicos que nos mostram o testemunho e o serviço dos cristãos?
2. De que maneira (para o povo, pelo povo ou com o povo) em nossa Igreja, comunidade ou congregação, testemunhamos e servimos à causa do Reino de Deus?
3. Como podemos renovar o nosso compromisso de cristãos para que o nosso testemunho e serviço possam evangelizar e libertar?
4. Cite exemplos de pessoas, do seu meio, que morreram ou são perseguidas por estarem comprometidas com os sinais do Reino.
5. Lembrando o texto bíblico de **Marcos 10.42-45**, quem são os nossos dominadores e os seus maiores que exercem autoridade sobre eles?
6. Cite formas de perseguição que você sabe existirem no seu meio.



Subsídios Litúrgicos

Nas celebrações litúrgicas nós reafirmamos o nosso compromisso com a obra do reino de Deus neste mundo, testemunhando a presença de Jesus Cristo nas nossas experiências. O nosso serviço, “como o de Jesus, brota das pessoas e, por isso mesmo, ele é participativo – não acontece para as pessoas, mas sim com as pessoas. Tem implicações sociais e implanta sinais do Reino no Mundo, denunciando as injustiças e o pecado individual, comunitário e social, ao mesmo tempo em que promove o novo tempo de justiça, paz e fraternidade”.

Oração:

“Senhor, chegamos a ti para agradecer pelo testemunho e serviço das pessoas que se comprometeram com a causa do teu Reino em nosso continente latino-americano e perderam a vida na luta contra o pecado e as injustiças. Sabemos que a morte deles está sob o signo da tua ressurreição. Pedimos que nos animes para permanecermos fiéis, como tua Igreja, aos sinais do teu reino, ouvindo o clamor do povo sofrido, das nossas irmãs, e dos nossos irmãos, reconhecendo suas reais necessidades e trilhando, junto com eles, o caminho do novo céu, da nova terra, onde habita a justiça.”

Nossa Esperança, Nossa Solidariedade

Igreja é povo – povo de Deus vivendo o Evangelho de Jesus com a responsabilidade de seguir o seu exemplo de quem veio para servir e não para ser servido (**Mateus 20.28**).

Jesus, com sua vida e mensagem deixou três “leis” para os seus seguidores: a lei do amor, do serviço e do sacrifício. Quem ama, procura servir, e quem serve por amor está na disposição de ir até o sacrifício se este for o preço a ser pago. Graças a Deus pelas comunidades que procuram viver de acordo com estas “leis.”

É neste espírito que vemos aqui e ali comunidades que se preocupam, por exemplo, com os indígenas deste continente; que lutam contra a segregação racial e a marginalização do negro em nossas terras e que procuram defender com ações concretas as crianças abandonadas; em vários lugares de nosso continente vemos com alegria a defesa ousada dos injustiçados por parte de Igrejas e grupos ecumênicos.

Dentro de poucos anos nossa América Latina comemorará quinhentos anos de sua “descoberta”. O dia 12 de outubro é chamado em vários lugares de o “Dia da Raça”, mas os indígenas pensam nesse dia como o Dia da Desgraça, pois é em 1492 que começa para os verdadeiros donos destas terras o seu genocídio, a exploração destas terras e a sua escravidão, que ainda continua.

Nosso tema, **Igreja: A Caminho de uma Esperança Solidária** deve incluir a todos em nossa solidariedade e trazer a esperança para os que anseiam por uma vida mais humana e digna neste continente e ilhas do Caribe.



Que fazer agora

Agora que vocês pensaram sobre o assunto, a que conclusões você e seus irmãos e irmãs chegaram? Procurem expressar suas conclusões da melhor forma possível ou do jeito que lhe pareça mais adequado. Vocês podem fazer isso de várias formas:

- escrevendo estas conclusões em algumas poucas páginas...
- contando um fato ilustrativo e testemunhador...
- pintando um quadro ou fazendo um desenho...
- ilustrando o tema com fotos...
- escrevendo uma poesia, ou um hino (letra, música ou ambos)... se vocês não sabem escrever música podem gravar em um cassete.
- bordando uma toalha...
- fazendo bonecos ou títeres...
- escrevendo uma dramatização...
- **qualquer outra forma que lhes inspire o Espírito Santo.**

Aquilo que vocês produzirem será juntado ao que for feito por cristãos e cristãs de todo o continente e reproduzido da melhor forma possível, de modo a chegar às mãos de todos os delegados ou delegadas das Igrejas, que comporão a II Assembléia do CLAI.

Para isso vocês deverão enviar o resultado de seus estudos e troca de idéias para:

Rev. Sérgio Marcus Pinto Lopes
Secretário Regional do CLAI
Caixa Postal 55202 - São Paulo - SP
CEP 04799 - BRASIL

ATENÇÃO: O prazo para o recebimento de suas contribuições termina em 30 de setembro de 1987.

B I B L I O G R A F I A

1. Hacia un Compromisso Ecuménico para Compartir Recursos, Oficina del Compartir de Recursos, CMI, Ginebra, 1984.
2. Las Manos Vacias, Un Temario para las Iglesias, CMI, Ginebra, 1980.
3. Simply Sharing, Risk Book Series, CMI, Ginebra, 1980.
4. Implicaciones Socio-políticas de la Eucaristia, Rafael Avila P., Policrom, Bogotá, 1977.
5. Os Estudos Bíblicos de um Lavrador, Tempo e Presença, CEDI, Rio de Janeiro, 1979.
6. Revista Pastoral, Paulinas, São Paulo, Brasil 1986, vários números.
7. Pão, Vinho e Amizade, Julio de Santa Ana, CEDI, Rio de Janeiro, 1986.
8. A Celebração da Vida, John Poulton, CMI-CEDI, Genebra - Rio de Janeiro, 1983.
9. Semente de Comunhão, CLAI - Imprensa Metodista, São Paulo, 1983.